Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Inteligência artificial e educação midiática para o jornalismo sonoro[1]

Artificial Intelligence and Media Literacy for Audio Journalism

Maicon Kroth
Celestino Joanguete

Palavras-chave: Educação midiática; Inteligência artificial; Jornalismo sonoro

Keywords: Media literacy; Artificial intelligence; Audio journalism.

1. Introdução

A incorporação de ferramentas de Inteligência Artificial (IA) no jornalismo sonoro configura-se como um ponto de inflexão nas epistemologias da comunicação. Ainda que o jornalismo radiofônico tenha historicamente se estruturado em torno da oralidade, da instantaneidade e da performatividade da voz, no entanto, a emergência de sistemas algorítmicos introduz uma reconfiguração profunda das condições de produção do jornalismo sonoro.

Conforme argumenta Deuze (2005), existe uma "ideologia ocupacional dominante do jornalismo" (p. 445) que orienta práticas e valores profissionais. Todavia,

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

essa matriz normativa encontra-se, na contemporaneidade, tensionada por aquilo que Couldry e Mejias (2019) denominam de colonialismo de dados, no qual a produção informacional passa a ser estruturada por infraestruturas globais de extração e processamento algorítmico. Nesse sentido, a prática jornalística deixa de ser exclusivamente humana e passa a ser mediada por sistemas que operam segundo lógicas probabilísticas e não discursivas.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Essa transformação no jornalismo pode ser compreendida à luz da reflexão de Bruno Latour, para quem as tecnologias não constituem meros instrumentos passivos, mas atores que participam ativamente das redes sociotécnicas de produção da realidade.

Na perspectiva da Teoria Ator-Rede, humanos e não humanos compartilham capacidades de agência na configuração das práticas sociais (Latour, 2005). Aplicada ao jornalismo, essa abordagem permite compreender que sistemas de IA já não desempenham apenas funções auxiliares, mas intervêm diretamente na seleção, hierarquização, redação, distribuição e personalização de conteúdos informativos. As máquinas passam, assim, a integrar os processos de construção da notícia, influenciando critérios de noticiabilidade, enquadramentos discursivos e regimes de visibilidade, configurando uma nova ecologia comunicacional em que a produção jornalística resulta da interação entre jornalistas, algoritmos, plataformas e bases de dados.

Assim, como sustentam Diakopoulos (2019) e Joanguete (2026), os algoritmos participam das decisões editoriais, exigindo transparência e *accountability.* Entretanto, essa participação não é neutra: ela está inscrita em regimes de poder e visibilidade que, segundo Gillespie (2018), são regulados por plataformas que atuam como "curadoras invisíveis" da esfera pública digital. Dessa forma, no jornalismo sonoro, sistemas de IA utilizados para transcrição, edição, clonagem de voz e verificação não apenas ampliam a eficiência produtiva, mas também redefinem os critérios de autenticidade e autoridade.

Por outro lado, Beckett (2019) sustenta que a IA permanece, em grande medida, suplementar, o que reforça a centralidade da mediação humana. Contudo, essa posição deve ser problematizada, pois, à medida que sistemas generativos evoluem, deslocam-se progressivamente as fronteiras entre apoio técnico e substituição funcional. De forma convergente, Lewis (2015) argumenta que o jornalismo contemporâneo é constituído por arranjos sociotécnicos híbridos.

Segundo Winner (1986), os artefatos tecnológicos possuem uma dimensão política, pois incorporam formas específicas de organização social e de exercício do poder. Ao estabelecer protocolos, padrões operacionais e modos de interação, as

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

tecnologias moldam comportamentos, distribuem competências e condicionam práticas humanas. No jornalismo, essa lógica manifesta-se quando sistemas de IA definem critérios de seleção, hierarquização e circulação das notícias, influenciando o trabalho dos profissionais e reconfigurando as rotinas editoriais.

Mediante este cenário, no campo específico do jornalismo sonoro, emerge uma questão epistemológica central: como as redações de jornalismo sonoro têm enfrentado, ou deixado de enfrentar a necessidade de formação em educação midiática para o uso crítico da inteligência artificial e para o uso da IA na realização de processos de checagem? É a partir deste eixo que se pretende avançar numa investigação científica.

2. Educação Midiática e usos da IA no jornalismo sonoro

No plano teórico, a articulação entre IA e educação midiática exige um deslocamento paradigmático. Embora os sistemas automatizados ampliem a capacidade de análise de dados e identificação de padrões, não obstante, eles operam dentro de limitações estruturais, sobretudo no que diz respeito à interpretação contextual e semântica. Conforme Allen (2022), as *deepfakes* representam uma capacidade tecnológica capaz de produzir conteúdos indistinguíveis do real. Nesse contexto, a problemática não é apenas técnica, mas epistemológica: como distinguir verdade de simulação em ambientes mediáticos altamente sofisticados? Assim, a ideia de que a IA pode substituir a verificação jornalística revela-se insustentável.

Kovach e Rosenstiel (2014) reafirmam que a disciplina da verificação é o núcleo do jornalismo. Entretanto, à luz da contemporaneidade, essa verificação deve ser compreendida não apenas como procedimento técnico, mas como prática crítica situada, capaz de interrogar os próprios dispositivos que produzem a informação. Nesse sentido, a educação midiática emerge como eixo estruturante. Segundo Pérez Tornero e Varis (2010), os profissionais devem desenvolver competências críticas para interagir com ambientes mediáticos complexos. Contudo, como aponta Buckingham (2022), tal formação não pode ser reduzida à alfabetização técnica, pois ela deve incluir uma

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

dimensão política e ética, capaz de problematizar os regimes de poder que estruturam os media.

Na mesma direção, Christofoletti (2019; 2025) reforça que a formação jornalística deve integrar análise crítica e ética profissional. Entretanto, essa discussão pode ser ampliada a partir de Santaella (2010), que propõe uma epistemologia da comunicação baseada na multiplicidade de linguagens e códigos. Dessa forma, no jornalismo sonoro, a educação midiática deve considerar não apenas o conteúdo verbal, mas também os elementos acústicos, performativos e tecnológicos que constituem o sentido.

2.1 A sugestão de uma abordagem multivariável no jornalismo sonoro

Diante das tensões epistemológicas, tecnológicas e profissionais que atravessam o jornalismo sonoro contemporâneo, a proposição de uma abordagem multivariável baseada em Inteligência Artificial (IA) para verificação de conteúdos acústicos revela-se não apenas pertinente, mas necessária. Tal abordagem, ao articular análise semântica do discurso, identificação de padrões acústicos, rastreamento de metadados e validação contextual, reconhece a natureza complexa, híbrida e multimodal da informação sonora.

Nesse sentido, estudos recentes no campo do *computational journalism* e da *audio forensics* têm apontado para a necessidade de sistemas integrados de verificação. Autores como Rini (2020) e Vaccari e Chadwick (2020) destacam que a desinformação contemporânea opera por múltiplas camadas semânticas, técnicas e contextuais, exigindo metodologias igualmente complexas e interdisciplinares.

Além disso, pesquisas recentes em detecção de *deepfakes* sonoros, como as de Westerlund (2019) e Kietzmann et al. (2020), evidenciam que a verificação de áudio não pode depender exclusivamente de um único critério técnico, uma vez que os sistemas de síntese vocal evoluem rapidamente e tornam-se cada vez mais sofisticados. Assim, a integração entre análise de *waveform,* espectrogramas, padrões de entonação e

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

contexto discursivo emerge como um caminho metodológico robusto para o *fact-checking* sonoro.

Entretanto, essa complexidade técnica exige competências profissionais igualmente avançadas. Conforme Hobbs (2017), a literacia digital implica a capacidade de analisar criticamente mensagens em múltiplos formatos. Todavia, no contexto atual, essa literacia deve ser ampliada para incluir a compreensão dos próprios sistemas algorítmicos que estruturam a produção e circulação da informação. Ou seja, não basta interpretar o conteúdo; é necessário compreender as infraestruturas que o tornam visível e credível.

Nesse ponto, Zuboff (2019) evidencia que os sistemas digitais operam sob a lógica do capitalismo de vigilância e que o jornalismo não está inserido apenas em um ambiente tecnológico neutro, mas em um ecossistema econômico que transforma dados em valor e comportamento em mercadoria. Consequentemente, os próprios sistemas de verificação jornalística podem estar condicionados por interesses corporativos e lógicas de mercado. Ademais, autores como Gillespie (2018) e Napoli (2019) reforçam que os algoritmos não são neutros, mas incorporam valores, decisões e interesses que influenciam diretamente a visibilidade e a credibilidade dos conteúdos. Nesse sentido, o *fact-checking* sonoro automatizado corre o risco de reproduzir vieses estruturais, sobretudo quando treinado com bases de dados limitadas ou enviesadas culturalmente.

3. Metodologia

A presente investigação insere-se no campo da midiatização, com enfoque nas intersecções entre inteligência artificial, jornalismo sonoro e educação midiática, adotando uma perspectiva epistemológica crítico-interpretativa de base sociotécnica, que compreende a produção, circulação e verificação da informação como resultado de interações entre humanos, tecnologias e estruturas institucionais. Nesse sentido, opta-se por uma abordagem metodológica predominantemente qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, complementada por elementos quantitativos, uma vez que se

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

pretende compreender em profundidade os significados, práticas e transformações associadas à incorporação da inteligência artificial nas rotinas produtivas do jornalismo sonoro.

Inicialmente, procede-se a uma revisão sistemática e crítica da literatura especializada, com o objetivo de mapear autores, conceitos e debates contemporâneos relacionados à inteligência artificial no jornalismo, à desinformação e aos *deepfakes* sonoros, às práticas de *fact-checking* e verificação multivariável, bem como à educação midiática e literacia digital. Esta etapa permite a construção do enquadramento teórico e a definição das categorias analíticas que orientam a investigação. Em seguida, realiza-se uma análise documental de protocolos institucionais, guias editoriais e materiais disponíveis em portais de veículos de comunicação sonora, com o intuito de compreender como as organizações estruturam práticas de verificação e capacitação profissional no contexto da IA. Ainda não está definida a amostragem bibliográfica que será acessada.

No plano empírico, a investigação integra a aplicação de um *survey* a jornalistas e editores atuantes em meios sonoros, visando mapear práticas, percepções e níveis de capacitação no uso de ferramentas de inteligência artificial, bem como a realização de entrevistas em profundidade com profissionais envolvidos em processos de *fact-checking* sonoro, permitindo explorar experiências, desafios e estratégias adotadas no cotidiano profissional. A amostra, que ainda está indefinida, será constituída por jornalistas de rádios, podcasts e plataformas digitais de áudio, selecionados por amostragem intencional, considerando critérios como experiência profissional, área de atuação e grau de envolvimento com tecnologias digitais.

A análise dos dados qualitativos será realizada por meio da análise de conteúdo temática, possibilitando a identificação de padrões, categorias emergentes e relações entre variáveis, enquanto os dados quantitativos provenientes do *survey* serão tratados por meio de estatística descritiva, permitindo a identificação de tendências gerais. As categorias de análise incluem o uso de IA no jornalismo sonoro, os modelos de

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

capacitação profissional, as práticas de verificação sonora, os níveis de literacia midiática e algorítmica, as percepções sobre credibilidade e autoridade jornalística e o grau de transparência ou opacidade dos sistemas utilizados.

Do ponto de vista analítico, parte-se do pressuposto de que a incorporação de abordagens multivariáveis no *fact-checking* sonoro não elimina os desafios epistemológicos da verificação, mas os reconfigura, ao mesmo tempo em que amplia a robustez dos processos e introduz novas camadas de complexidade e opacidade. Assim, a interpretação dos dados será orientada por uma perspectiva crítica que considera que a produção e validação da informação ocorrem em um ecossistema não neutro, marcado por dinâmicas de poder, mediação algorítmica e infraestruturas digitais.

4. Referências

ALLEN, David Nicholas. Deepfake Fight: AI-Powered Disinformation and Perfidy Under the Geneva Conventions. **Notre Dame Journal on Emerging Technologies,** v. 3, n. 2, p. 1–70, 2022.

BECKETT, Charlie. **New powers, new responsibilities: a global survey of journalism and artificial intelligence.** London: LSE, 2019.

JOANGUETE, Celestino. **Inteligência Artificial: mudanças paradigmáticas nos sistemas mediáticos.** 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2026.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory.** Oxford: Oxford University Press, 2005.

BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela Educação Midiática.** São Paulo: Edições Sesc, 2022.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Alfabetização midiática baseada em crítica de mídia e ética jornalística**. *Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 253–281, 2025.

_____, Rogério. **Ética no jornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2019.

COULDRY, Nick.; MEJIAS, Ulises. Ali. **The costs of connection:** How data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019.

DEUZE, Mark. **What is journalism?** Professional identity and ideology of journalists reconsidered. *Journalism*, v. 6, n. 4, p. 442–464, 2005.

DIAKOPOULOS, Nicholas. **Automating the news:** How algorithms are rewriting the media. Cambridge: Harvard University Press, 2019.

GILLESPIE, Tarleton. **Custodians of the internet:** Platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media. New Haven: Yale University Press, 2018.

HOBBS, Renee. **Create to learn:** introduction to digital literacy. Hoboken: John Wiley & Sons, 2017.

KIETZMANN, Jan H. et al. Deepfakes: Trick or treat? **Business Horizons,** v. 63, n. 2, p. 135–146, 2020.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The elements of journalism.** 3. ed. New York: Three Rivers Press, 2014.

LEWIS, Seth C. Journalism in an era of big data. **Digital Journalism**, v. 3, n. 3, p. 321–330, 2015.

NAPOLI, Philip M. **Social media and the public interest:** Media regulation in the disinformation age. New York: Columbia University Press, 2019.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

PÉREZ TORNERO, José Manuel; VARIS, Tapio. **Media Literacy and New Humanism**. Paris: UNESCO Institute for Information Technologies in Education, 2010.

RINI, Regina. Deepfakes and the epistemic backstop. **Philosophy & Technology**, v. 33, p. 415–443, 2020.

VACCARI, Cristian; CHADWICK, Andrew. Deepfakes and disinformation: Exploring the impact of synthetic political video on deception, uncertainty, and trust in news. **Social Media + Society**, v. 6, n. 1, 2020.

WESTERLUND, Mika. The emergence of deepfake technology: A review. **Technology Innovation Management Review,** v. 9, n. 11, p. 40–53, 2019.

WINNER, Langdon. **The Whale and the Reactor: A Search for Limits in an Age of High Technology**. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance capitalism:** The fight for a human future at the new frontier of power. New York: PublicAffairs, 2019.